



moda na filosofia

[ROSANE PRECIOSA]

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professora e pesquisadora da Pós-Graduação em Design da Universidade Anhembi Morumbi, autora do livro *Produção Estética, notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida*, publicado pela editora Anhembi Morumbi, em 2005.
E-mail: rosane_preciosa@yahoo.com.br

Ilustrações: Caio Borges.
Formado em Artes Plásticas pela FAAP,
íntegra a equipe do Estúdio Onze
(<http://www.estudioonze.com.br>).

Para o filósofo Gilles Deleuze, ninguém encontra uma idéia sozinho: "é preciso um acaso, ou alguém que a dê a você". Além disso, e o mais curioso, é que uma idéia circunscrita a um campo de saber pode se encontrar com outra, proveniente de um outro lugar bem diferente. E aí se dá um encontro entre idéias, que, exatamente por operarem em domínios distintos, são capazes de funcionar como uma surpreendente máquina propulsora do pensamento.

Isso me fez lembrar o falecido poeta Waly Salomão, ao dizer que todos nós devíamos experimentar escrever a partir da leitura de um livro que "só lateralmente ou remotamente" teria a ver com o tema que pretendemos abordar. Esse livro então funcionaria, conforme as palavras do poeta, como "plataforma de lançamento", uma espécie de "Cabo Canaveral". Para Waly, esse "experimento radical" só se completaria de fato se o livro fosse devidamente "assimilado" ou "adulterado". A recomendação para que fosse adulterado prevalecia, é importante assinalar.

O nome dessa coluna, "Moda na Filosofia", surgiu do título de um capítulo de livro *Explicando a Filosofia com Arte*, de autoria de Charles Feitosa, que é filósofo de formação, professor-pesquisador na pós-graduação de Artes Cênicas da UNIRIO, no Rio de Janeiro. Título esse que, por sua vez, dá nome ao samba do compositor Monsueto Menezes, que muitas vezes vi se apresentar no programa do Chacrinha, cantando "Eu quero essa mulher assim mesmo": um negro grandão, dono de um vozeirão monumental, cujo jeito de cantar me atraía muito, por ser único em seu estilo, meio em colapso. Ao menos é assim que me lembro dele, ainda que saiba (Waly novamente) que "a memória é uma ilha de edição".

Conforme o próprio Charles assinala em seu livro, *Mora na Filosofia* "é uma expressão de apelo que quer dizer: preste atenção nessa idéia, porque ela nos faz pensar". Mal li isso e o seguinte sintagma se formou imediatamente na minha cabeça: *Mora na Filosofia da Moda*.

Mas o que significa pensar *Moda com Filosofia*? Como combinar uma atividade tradicionalmente reconhecida como abstrata com algo de ordem mais pragmática, que encontra no corpo sua mais perfeita expressão, seu exemplar suporte? E ainda que hoje isso possa soar impensável, não podemos nos esquecer de que o corpo, e seus fluxos, nem sempre gozou de prestígio. Basta pensar em Platão, por exemplo, que o rebaixava, tomando-o como sede de tormentosas paixões, incompatível, por isso mesmo, com os exercícios retos e ponderados que um pensamento racional requer. Isto nos remete ao velho dualismo corpo/mente, já bastante conhecido por nós. Paro por aqui, senão vou me desviar demais de meu propósito agora, mas que essa discussão nos leva bem mais longe, isso leva.

Conforme eu ia dizendo, tudo vai depender da concepção de filosofia que está em jogo. "Para Deleuze, o pensamento não é coisa de especialista, mas um exercício de vida".

Quem nos diz essas palavras é um outro filósofo, Peter Pál Pelbart, que faz a apresentação do livro *Diálogos*, que Deleuze escreveu em parceria com Claire Parnet. Isso quer dizer que o pensamento filosófico, nesta abordagem, não habita as alturas, os cumes inatingíveis que costumeiramente a ele se atribui, mas, ao contrário, alegra-se em se deixar contaminar pela vida, de nela deixar-se enredar. Aliás, essa é outra idéia também compartilhada por Charles Feitosa:

A Filosofia não é um conjunto de conhecimentos ou de doutrinas, mas uma atitude ou posicionamento perante a vida. Nesse sentido, qualquer um pode filosofar, não sendo necessários talentos intelectuais extraordinários, tampouco possui muitos conhecimentos, embora isso facilite. Basta ter disposição para ver de outro jeito o que se passa à sua volta.

Morou? Essa gíria, hoje já em desuso, substituída pela invenção de outras, essa expressão popular, também vem nos confirmar que filosofar passa pela rua. "Eu amo a rua", nos diz o exímio cronista João do Rio, em seu livro *A alma encantadora das ruas*, que reúne seus escritos publicados na imprensa entre 1904/1907. "A rua é a transformadora das línguas", diz-nos o cronista. E dos corpos que por ela transitam,

zanzam e pensam intensamente, eu diria. Andar e andar incansavelmente pelas ruas em suas versões mal editadas, atulhadas de encantos policrômicos. Cruzar diariamente com uma multidão de corpos: honestos, chiques, maltrapilhos, infames, delicados, estúpidos, sonhadores, depravados, mas, sobretudo, irreduzíveis a modelos de identidade, incapturáveis por representações absolutizantes. São protagonistas de histórias singulares, em que cada um é a presentificação de um campo próprio de experimentações, que se afirmam sob inúmeras formas de amar, sentir, pensar.

Promover o encontro da Moda com a Filosofia significa para mim sobretudo pensá-la como uma interrogação sensível do mundo. Gosto de pensar no designer de moda como um bom cartógrafo, cuja virtude saliente "é ser capaz de enunciar os afetos que pedem passagem, mas para sintonizar isso é necessário estar suficientemente mergulhado em seu tempo". Ele pode materializar questões estéticas, e, por que também não dizer, éticas, que nos são caras em nosso cotidiano, ao nos oferecer, em cada coleção, sua pesquisa de mundos.

Encerro essa coluna com um comentário de Marie Ruckie, por ocasião de sua recente visita a São Paulo e que me parece muito estimulante para pensarmos juntos. Algo mais ou menos assim, certamente já por mim deturpado: "a moda pode atender a grandes acontecimentos, atender às necessidades oficiais de uma época, ou às necessidades subterrâneas"^[1]. Ao ouvir isso, eu fiquei tentada a associar essas "necessidades subterrâneas" a discretos acontecimentos que pulsam ao nosso redor, quase rarefeitos e que, ainda assim, constituem, a seu modo, um épico, mas dos pequenos gestos. E essas miudezas estão dispersas por aí e trafegam clandestinas na superfície da existência, e estarão condenadas a não existir, a se dispersarem mesmo, caso não sejam recepcionadas, digamos, por olhos mísséis, capazes de compor com a potência que têm de existir de um jeito assim menos espetacular, tão intenso e tão profundamente transformador. Chegou o momento de cartografá-las, indagando que outras sensibilidades são essas que nos pedem passagem. Espero que essa coluna nos sirva para isso.

[42]



REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. 1ª ed. São Paulo: Escuta, 1998.
- FEITOSA, Charles. *Explicando a Filosofia com Arte*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Org. Raul Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental – transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SALOMÃO, Waly. *Hélio Oiticica – qual é o parangolé*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

^[1]A convite da Escola São Paulo, entre os dias 26 e 30 de março deste ano, Marie Ruckie, professora e diretora do Studio Berçot, em Paris, ministrou conferências sobre temas inerentes à moda como tendências, criatividade, revistas especializadas, a formação cultural dos profissionais de moda, entre outros.